



ALAP 2020

IX Congreso de la Asociación
Latinoamericana de Población



9 a 11 diciembre

EL ROL DE LOS ESTUDIOS DE POBLACIÓN TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19 Y
EL DESAFÍO DE LA IGUALDAD EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

*Júlia Alves Stehmann, estudante de graduação em Ciências Econômicas na
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), juliastehmann0@gmail.com*

**Desigualdades na inserção dos jovens brasileiros no
mercado de trabalho: uma análise para o período
2012-2019**

Desigualdades na Inserção dos Jovens Brasileiros no Mercado de Trabalho: uma análise para o período 2012-2019

Resumo

Este trabalho tem como objetivo avaliar a inserção dos jovens brasileiros entre 15 e 24 anos de idade no mercado de trabalho entre 2012 e 2019. Busca-se compreender como características individuais, domiciliares, regionais e conjunturais podem ser associadas às chances de o jovem estar em alguma ocupação. Para tanto, será utilizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como fonte de dados e três modelos de regressão logística para o exercício econométrico. Os modelos são estimados separadamente por sexo, para jovens entre 15 e 19 anos de idade e entre 20 e 24 anos de idade e, ainda, por nível de escolaridade para os jovens do sexo masculino. Os resultados indicam a maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho dos jovens entre 15 e 19 anos, do sexo feminino, negros, residentes na região Nordeste e com baixo nível de escolaridade. Além disso, é observado um forte efeito conjuntural no período analisado, que reduziu as chances de ocupação dos jovens de maneira geral. Por fim, constata-se que um maior nível de escolaridade pode ser associado a melhores condições de inserção no mercado de trabalho, efeito que é mais intenso para os grupos mais vulneráveis da população

Palavras-chave: juventude, mercado de trabalho, desocupação

Abstract

This study aims to evaluate the labor market entry of Brazilian youth between 15 and 24 years old during the 2012-2019 period. The goal is to understand how individual, household, regional and cyclical factors are related to the chances of being employed in the Economically Active Population (EAP). For this purpose, the Continuous National Household Sample Survey from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) will be used alongside with logistic regression models, separately estimated by sex, by age groups and by educational attainment level. Particularly, the age groups being defined by 15 to 19 years old and 20 to 24 years old. The results indicate greatest difficulty on the labor market entrance of young people aged 15-19, female, black, living in the Northeast region and with low levels of education. Furthermore, a strong conjunctural effect can be observed in the analyzed period, with reduced chances of employment in general. Finally, it appears that a higher level of education can be associated with better conditions for entrance in the labor market, especially for the most vulnerable.

Keywords: youth, labor market, unemployment.

1. INTRODUÇÃO

A entrada no mercado de trabalho é considerada uma das etapas finais do processo de transição para a vida adulta. Ela possibilita o ganho de autonomia, e, com isso, é vetor de outras transições, como autonomia financeira e saída do domicílio de origem, processos que culminam no que é socialmente compreendido como a vida adulta (CAMARANO; 2004). A relevância desse período também está associada a relação da inserção do jovem no mercado de trabalho com o conjunto de oportunidades que ele terá acesso, bem como seu status socioeconômico futuro.

Todavia, os jovens apresentam maiores dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, tendência que é observada tanto mundialmente como na realidade brasileira. De maneira geral, elevadas taxas de desemprego, elevada rotatividade e informalidade e a precariedade dos postos de trabalho são características desse processo. Segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a taxa de desemprego da população jovem de 20 a 24 anos registrada em 2019 foi de 13,9%, superior à de todos os demais grupos etários em idade ativa. Para além disso, cerca de 77% dos trabalhadores jovens ocupam postos de trabalho informais, porcentagem que é ainda mais elevada para países pobres e em desenvolvimento (ILO, 2020). No Brasil, atualmente, esse grupo etário reflete grande parte das tendências de mercado de trabalho observadas mundialmente. Em 2020, foi registrada uma taxa de desocupação de 27,1% para a população jovem brasileira entre 18 e 24 anos no primeiro trimestre do ano, contra os 12,2% registrados como média geral da população (IBGE, 2020).

O comportamento do mercado de trabalho dos jovens brasileiros pode ser analisado à luz das transformações vivenciadas a partir da virada do século XXI. A dinâmica demográfica brasileira nos últimos vinte anos contribuiu para que uma maior atenção fosse destinada à juventude, diante do grande contingente de jovens, que representava cerca de um quarto da população em 2010 (PNUD, 2013). Ademais, na primeira década deste século, o país passou por um período próspero, com crescimento do PIB e redução das desigualdades socioeconômicas, que se refletiu na redução da taxa de desemprego, melhoria nas condições dos postos de trabalho e aumento do salário real. Após 2013, no entanto, ocorre a interrupção desse ciclo de crescimento, com reversão das tendências até então observadas e, com isso, a piora nos indicadores relativos ao mercado de trabalho, principalmente para aqueles que concernem aos jovens.

É importante considerar que esse quadro tende a ser agravado pelas consequências econômicas e sociais da pandemia da COVID-19. Dentre elas, estão a interrupção da educação, a recessão econômica, com elevação da taxa de desemprego e redução da renda, e o aumento das barreiras ao emprego decente (ILO, 2020). Esses efeitos da crise atingem de maneira mais intensa os jovens que recém começaram a trabalhar ou que buscam se inserir no mercado de trabalho, período importante na definição do espectro de oportunidades que esse jovem terá acesso no futuro. Esse cenário, assim, reforça a vulnerabilidade dos jovens e as desigualdades existentes no mercado de trabalho, evidenciando a urgência de se pensar nessa camada da população. Nesse contexto, o objetivo central desse trabalho é compreender os desafios envolvidos e as características associadas à inserção dos jovens brasileiros de 15 a 24 anos na População Economicamente Ativa (PEA) entre 2012 e 2019.

2. DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

No Brasil, os debates sobre a juventude se intensificaram entre os anos 1990 e início da década seguinte devido ao expressivo tamanho da população jovem do país, que atingiu o patamar de 57 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos em 2000 (CAMARANO, 2006). O crescimento da população nessa faixa etária decorreu da dinâmica da transição demográfica brasileira, com a combinação entre uma população com maiores expectativas de vida e menores taxas de fecundidade, o chamado “bônus demográfico”. Esse bônus compreende a oportunidade demográfica que se abre com a transição da população para um perfil mais adulto e da consequente redução da razão de dependência, possibilitando uma maior poupança de recursos que pode ser convertida em investimento e em crescimento econômico (ALVES, VASCONCELOS, CARVALHO, 2010). Observa-se, assim, uma proporção cada vez maior de pessoas potencialmente produtivas, o que abre uma possibilidade demográfica de impulsionamento do crescimento econômico e do desenvolvimento do país.

Todavia, o aproveitamento desse bônus é condicionado à capacidade do país de realizar políticas que possibilitem o seu usufruto, ou seja, a efetiva inserção desses jovens na População Economicamente Ativa (PEA). Isso pode ser realizado em diversas esferas, como por meio de políticas macroeconômicas e de políticas voltadas para a formação de capital humano. Para além da dificuldade de garantir o acesso dessa população no mercado de trabalho, a redução das coortes jovens que já está sendo observada pelo país, decorrente da progressão da transição demográfica, não reverbera diretamente em melhores condições de acesso ao mercado de trabalho¹ pelo menor tamanho da população em busca de postos de trabalho, pois não ocorre uma absorção automática dessa mão de obra. Essa situação já foi observada em países da OCDE no princípio dos anos 2000, que apresentavam coortes de jovens cada vez menores e mais educadas que as anteriores, o que, no entanto, foi acompanhado de taxas crescentes de desemprego juvenil (QUINTINI, MARTIN, MARTIN; 2007).

A inserção decente dos jovens no mercado de trabalho é vista, atualmente, como um dos grandes desafios do processo de transição para a vida adulta. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o mercado de trabalho dos jovens encontra-se em situação crítica. A probabilidade de estar desempregado é três vezes maior para a população jovem, e, para aqueles que estão ocupados, a precarização dos postos e das condições de ocupação é uma tendência em ascensão. O desemprego, a insegurança, a pobreza e a vulnerabilidade constituem, assim, parte da denominada “crise do emprego jovem” (ILO, 2012)

Em um país marcado por significativas desigualdades socioeconômicas como o Brasil, a inserção no mercado de trabalho pode exercer papéis distintos da dinâmica social, por possuir tanto potencial para induzir a mobilidade social ascendente, como ser um mecanismo de reprodução das desigualdades intergeracionais. Para mais, a vulnerabilidade da força de trabalho jovem apresenta elevado custo social e econômico podendo afetar o desenvolvimento do país no médio e longo prazo. Destaca-se o aprofundamento das desigualdades, na medida em que os jovens de contextos

¹ Hipótese de um número fixo de postos de trabalho que são distribuídos pelos trabalhadores, também conhecida como ‘falácia do trabalho’. A partir dela, uma redução no número de jovens levaria a uma maior empregabilidade ou uma maior taxa de aposentadoria precoce, por “liberar” postos de empregos. (QUINTINI, MARTIN, MARTIN; 2007)

socioeconômico menos favorecidos tendem a ser afetados de maneira mais intensa. Além disso, coloca-se um problema intergeracional, com o risco da criação de uma “geração perdida” de jovens, o que poderá comprometer negativamente a economia e o desenvolvimento dos países no médio e longo prazo (ILO;2012).

Nesse contexto, o processo de inserção dos jovens brasileiros a partir do primeiro emprego está em consonância com as tendências observadas mundialmente. Observa-se, na etapa de transição para a vida adulta, períodos mais longos de desemprego, em relação ao observado ao restante da população (REIS, 2014). Além disso, a taxa de desocupação também é maior para os jovens, especialmente para aqueles dos estratos de renda inferiores e com baixa escolaridade. Essa situação reforça a acumulação de desvantagens dos indivíduos de origem menos favorecida no contexto socioeconômico brasileiro e, assim, limita suas possibilidades de mobilidade social ascendente via mundo do trabalho. (CORSEUIL, FRANÇA; 2015).

Cabe destacar que as maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens na entrada no mercado de trabalho, sobretudo o desemprego, podem ser associadas à sua experiência limitada, à assimetria de informação, pois os empregadores têm pouca informação sobre a produtividade dos candidatos a emprego, e, às barreiras estruturais do mercado de trabalho (REIS, 2014) . Além disso, maiores taxas de rotatividade também contribuem para uma maior taxa de desemprego, uma vez que os fluxos de contratações e demissões são mais frequentes entre os jovens, culminando em menor duração do emprego e maiores chances de desemprego (Corseuil et. Al., 2014).

Somando-se a isso, o tipo de ocupação na qual os jovens se inserem evidencia as dificuldades de entrada dessa parcela da população no mercado de trabalho. No geral, as ocupações dos jovens são marcadas por baixas remunerações, elevada informalidade e rotatividade (REIS, 2015). Além disso, a forma como os jovens ingressam no mercado de trabalho apresenta efeitos de longo prazo em suas trajetórias profissionais, estando relacionada ao espectro de oportunidades a que eles terão acesso (Fontenay et. Al; 2020). Dessa forma, a dificuldade dos jovens brasileiros em acessar o que é considerado “trabalho decente” ao ingressar no mercado de trabalho se configura como um entrave ao pleno exercício da cidadania e às suas perspectivas de futuro (Romanello, 2018).

A educação se destaca, diante disso, como um mecanismo para superar esses obstáculos e desempenha, assim, um papel fundamental na capacidade de inserção no mercado de trabalho. Considerando a realidade brasileira, essa questão torna-se mais relevante, uma vez que os jovens que acabaram de sair da escola, menos qualificados e com pouca ou nenhuma experiência, são em sua maioria absorvidos pelo mercado de trabalho informal ou estão desempregados, o que contribui para a ampliação da vulnerabilidade social no interior desse grupo (Corseuil, França, 2015; Romanello; 2018)

Em um estudo recente, Romanello (2018) observa atribuição importante do nível de escolaridade no processo de transição escola-trabalho a partir da análise dos dados da PME para 2008-2013. Um maior nível educacional é associado a uma maior probabilidade dos jovens se inserirem no mercado de trabalho pelo setor formal, bem como a uma menor da probabilidade de transitar para o desemprego nessa fase. Com isso, o efeito da educação no processo de transição para o mercado de trabalho contribui para a redução da informalidade e do desemprego entre os jovens.

Assim, nota-se a existência de um ciclo de oportunidades, em que é atribuída à educação importância fundamental na expansão das oportunidades de vida para os jovens,

em especial nos países pobres e em desenvolvimento. Como colocado por Sparreboom e Staneva (2014), em países como o Brasil, a pobreza e a vulnerabilidade social da população estão associadas a baixa qualidade da educação, o que resulta, assim, na vulnerabilidade do acesso ao mercado de trabalho, na sub-educação e na baixa remuneração dos jovens, e, como consequência disso, a falta de recursos para financiar a educação das gerações futuras.

Nesse contexto, o modo como ocorre a inserção do jovem no mercado de trabalho, por meio do tipo de emprego que eles acessam e o momento em que ela ocorre, influencia tanto as perspectivas profissionais e de renda desse jovem como as trajetórias de desenvolvimento do seu país. Assim, destacam-se os possíveis papéis que essa inserção exerce na dinâmica de desigualdade do país a partir das diversas ocupações e trajetórias que podem ser tomadas pela sua população jovem, possibilitando a mobilidade social dos indivíduos ou, contrariamente, reforçando o processo de acumulação de desvantagens dos mais vulneráveis. Logo, o entendimento de como ocorre esse processo de integração à PEA se torna fundamental. Nesse sentido, busca-se compreender os fatores relacionados à inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho e a sua evolução no período recente

3. FONTE DE DADOS E MÉTODO

Este trabalho utilizou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), realizada pelo IBGE, como fonte de dados para o período de 2012 a 2019. Nos últimos anos, observou-se um processo de interrupção do ciclo de crescimento que foi característico da primeira década do século XXI e do princípio da década seguinte, com a queda na renda real e uma piora nos indicadores relativos ao desenvolvimento socioeconômico do país. Diante disso, a definição do período foi realizada com o objetivo de captar os efeitos das mudanças sociais e econômicas recentes que interferem na dinâmica do mercado de trabalho. O recorte de idade utilizado, 15 a 24 anos, por sua vez, busca captar o período em que ocorre a inserção dos jovens na força de trabalho.

A condição de ocupação dos jovens em relação à PEA (ocupados e desocupados) é a variável de interesse do estudo. Já a escolha das variáveis explicativas (Quadro 1) foi realizada a fim de contemplar características individuais, domiciliares, regionais e de conjuntura que podem estar associadas à inserção do jovem no mercado de trabalho, conforme aquelas presentes na literatura sobre o tema.

Quadro 1: Variáveis explicativas

Variáveis explicativas		Descrição
Individuais	Gênero	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se o indivíduo for do sexo masculino e 0 se o indivíduo for do sexo feminino.
	Raça	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se o indivíduo se declarar branco e a 0 se o indivíduo se declarar negro ou pardo.
	Idade (15 a 24 anos)	Dez variáveis <i>dummies</i> , tendo como referência jovens de 15 anos (para o grupo etário 15 a 19 anos) e jovens de 20 anos (para o grupo etário 20 a 24 anos)
	Frequenta escola	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se o indivíduo frequenta a escola e a 0 se o indivíduo não frequenta a escola
		15 a 19 anos: três variáveis <i>dummies</i> – Ensino Fundamental (EF) Incompleto, Ensino Médio (EM) Incompleto e Ensino Médio (EM) Completo - tendo referência jovens com EF Incompleto.

	Escolaridade²	20 a 24 anos: quatro variáveis <i>dummies</i> – Ensino Fundamental (EF) Incompleto, Ensino Médio (EM) Incompleto, Ensino Médio (EM) Completo, Ensino Superior (ES) Incompleto ou mais - tendo referência jovens com EF Incompleto.
	Condição no domicílio	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se o indivíduo for chefe do domicílio e a 0 se o indivíduo possuir outra condição.
Temporais	Ano (2012 a 2019)	Oito variáveis <i>dummies</i> – 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 - tendo como referência o ano 2012.
Regionais	Grandes Regiões	Cinco variáveis <i>dummies</i> – Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste - tendo referência a região sudeste.
	Região Metropolitana	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se for região metropolitana, e 0 para o restante da UF.
Domiciliares	Presença de idosos	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se o domicílio contiver idoso e 0 para a ausência de idosos no domicílio.
	Situação do domicílio	Variável <i>dummy</i> , igual a 1 se o domicílio for urbano e a 0 se o domicílio for rural.

Fonte: Elaboração própria a partir das variáveis da PNADC, 2012-2019, IBGE.

Para fins dessa análise, são utilizados modelos de regressão de natureza qualitativa (ou binária), também conhecidos como modelos de probabilidade, cujo objetivo é encontrar a probabilidade de ocorrência de um evento a partir dos valores das variáveis explicativas (GUJARATI, PORTER; 2011). Dentre as principais parametrizações desse modelo, opta-se pela utilização do Modelo de Regressão Logística (Logit) para avaliação da inserção dos jovens no mercado de trabalho. Segundo Cameron e Trivedi (2005), no modelo Logit a probabilidade estimada para ocorrência do evento pode ser dada por:

$$p = \Pr [Y_i = 1 | X_i] = F(x_i' \beta)$$

onde β são os coeficientes estimados a partir dos dados, e x_i' são as variáveis independentes do modelo. Y_i assume valor 1 quando o evento ocorre e valor 0 no caso contrário. A função $F(\cdot)$ é uma função de distribuição acumulada (cdf) logística, $F(z) = e^z / (1 + e^z) = 1 / (1 + e^{-z})$, o que assegura $0 \leq p \leq 1$. Assim, a forma funcional do Logit para $p=1$ é dado por:

$$p = F(x_i' \beta) = \frac{e^{x_i' \beta}}{1 + e^{x_i' \beta}}$$

A probabilidade de não ocorrência do evento, $p=0$, é estimada por: $Prob(\text{não ocorrência}) = 1 - Prob(\text{evento})$. No modelo de regressão logística os parâmetros do modelo são estimados por máxima verossimilhança, de modo que sejam selecionados os coeficientes que tornam o resultado “mais provável o possível” (NORUSIS, 1993).

O modelo pode ser interpretado em termos da razão de chance (*odds ratio*) e do efeito marginal. A interpretação pelo efeito marginal mostra a alteração na probabilidade prevista de ocorrência de um evento a partir de uma mudança em alguma variável explicativa x_i' . Obtém-se o efeito marginal a partir dos próprios coeficientes da regressão:

$$\frac{\partial p_i}{\partial x_{ij}} = p_i(1 - p_i)\beta_j, \text{ onde } p_i = F(x_i' \beta).$$

² Essa distinção é realizada pois a parcela de jovens entre 15 e 19 anos no Ensino Superior é pequena na medida em que esse grupo ainda se encontra na faixa de idade de conclusão do Ensino Médio.

A razão de chances, por sua vez, é obtida quando o modelo é reescrito em função da chance do evento ocorrer, isto é, a razão entre a probabilidade de ocorrência e a probabilidade de não ocorrer, $p_i / (1 - p_i)$.

Em um primeiro momento, estima-se o modelo de regressão logística geral para os jovens entre 15 e 24 anos, e, separadamente para jovens do sexo masculino e feminino, fornecendo informações sobre os diferenciais de gênero. Posteriormente, os modelos são estimados para os dois grupos etários, jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos, e, desagregados por sexo. Por fim, calcula-se a regressão por grupo de escolaridade para jovens do sexo masculino³, para captar o efeito dos atributos considerados na probabilidade de o jovem se encontrar ocupado segundo a sua escolaridade.

4. RESULTADOS

Na análise da distribuição da amostra segundo as variáveis selecionadas, destacam-se algumas alterações no período considerado: a redução das coortes de jovens entre 15 e 24 anos e o aumento da escolaridade da população (Tabela 1). Entre 2012 e 2019, ocorre uma queda na proporção de jovens entre 15 e 24 anos na população total, apresentando variação negativa de 13,5% para os jovens de 15 a 19 anos e de 5,7% para os de 20 a 24 anos. Essa redução é advinda da dinâmica da transição demográfica brasileira que, com a queda na taxa de fecundidade, resultou na redução do tamanho das coortes mais jovens.

Com relação à escolaridade da população, a proporção de jovens entre 15 e 19 anos com Ensino Fundamental incompleto apresenta uma queda de 27,9%, que é ainda mais expressiva quando se considera os jovens de 20 a 24 anos, variando negativamente 36,1% no período. Para os jovens de 20 a 24 anos, também ocorre uma redução de 15,9% na proporção daqueles que possuem EM incompleto. A elevação na escolaridade é evidenciada pelo aumento no percentual de jovens com EM completo e com ES incompleto ou mais. Para o grupo etário mais jovem, registra-se um aumento de 28,6% na porcentagem com EM Completo, enquanto para os de 20 a 24 anos, é registrada uma variação percentual positiva de 7,7% entre jovens com EM Completo e de 34% no percentual com ES incompleto ou mais.

Tabela 1: Distribuição da população jovem por grupo etário e por nível de escolaridade, 2012-2019.

	15 a 19 anos			20 a 24 anos		
	2012	2019	Variação	2012	2019	Variação
Proporção população total	8,81	7,62	-13,5%	8,07	7,61	-5,7%
Nível escolaridade						
EF Incompleto	29,6	21,3	-27,9%	18,4	11,7	-36,1%
EM Incompleto	50,1	52,6	4,9%	20,9	17,6	-15,9%
EM Completo	20,3	26,1	28,6%	40,8	43,9	7,7%
ES Completo ou mais	-	-	-	20	26,8	34,0%

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

A análise descritiva dos indicadores referentes à inserção dos jovens no mercado de trabalho é realizada a partir da taxa de participação e da taxa de desocupação na PEA. Observa-se uma menor taxa de para os jovens de 15 a 19 anos em relação aos grupos

³ Opta-se pela estimação deste modelo somente para jovens do sexo masculino devido a sua maior representatividade no total da PEA.

etários de 20 a 24 e de 25 a 64 anos (Tabela 2). Essa taxa pode ser associada às alocações prováveis dos indivíduos dentro dessa faixa-etária (15 a 19 anos), pois parte dos jovens nesse grupo de idade se encontra em idade esperada para estar na educação básica. O percentual de participação deles apresenta uma queda de 6,3% no período examinado, o que não é observado para os outros grupos. Por sua vez, os jovens de 18 a 24 anos, registraram uma taxa de participação na força de trabalho de 75,7% em 2019, superior à dos jovens de 15 a 17 anos (38,3%), e próxima à da população entre 25 e 64 anos (74,3%). A variação registrada no período para esses jovens foi de 2,4%. Nessa faixa de idade, espera-se que os jovens já tenham concluído a educação básica, de forma que o ingresso na força de trabalho seja, portanto, um acontecimento provável para esse grupo (Tabela 2).

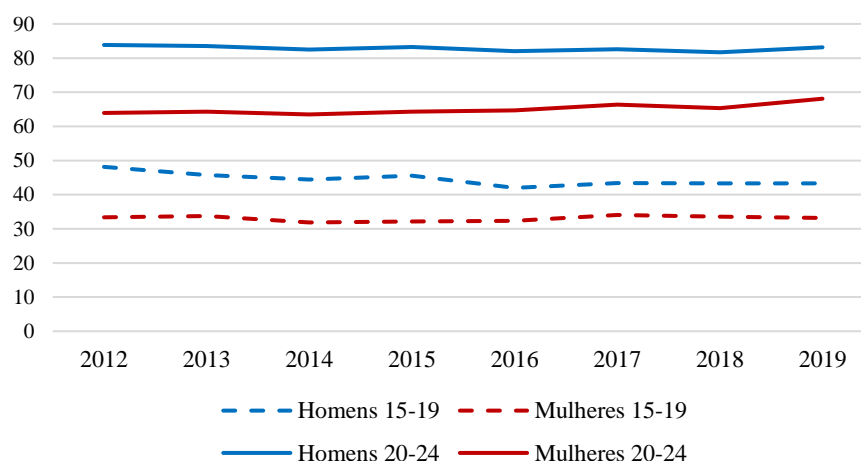
Tabela 2: Taxa de Participação na Força de Trabalho (%) para a população jovem e a população de 25 a 64 anos no período entre 2012-2019.

	2012	2019	Variação (%)
15 a 19 anos	40,9	38,3	-6,3
20 a 24 anos	73,9	75,7	2,4
25 a 64 anos	72,2	74,3	2,9

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019. IBGE.

O gráfico 1 ilustra a evolução do indicador da PEA por sexo entre 2012 e 2019. De modo geral, observa-se que taxa de participação feminina é inferior à dos homens para os dois grupos. Entre os de 15 a 19 anos, registra-se uma queda de aproximadamente 5 pontos percentuais (pp) na participação na força de trabalho entre os homens, passando de 48,14% em 2012 para 43,28% em 2019. Para as mulheres, a redução no período é quase inexpressiva, variando negativamente 0,25 pp. Ainda, para os jovens de 20 a 24 anos, é registrada uma pequena variação negativa de -0,70 pp, enquanto a proporção de mulheres que integram a PEA aumentou em 4,2 pp no período.

Gráfico 1: Taxa de participação na força do trabalho por grupo etário e sexo, entre 2012-2019

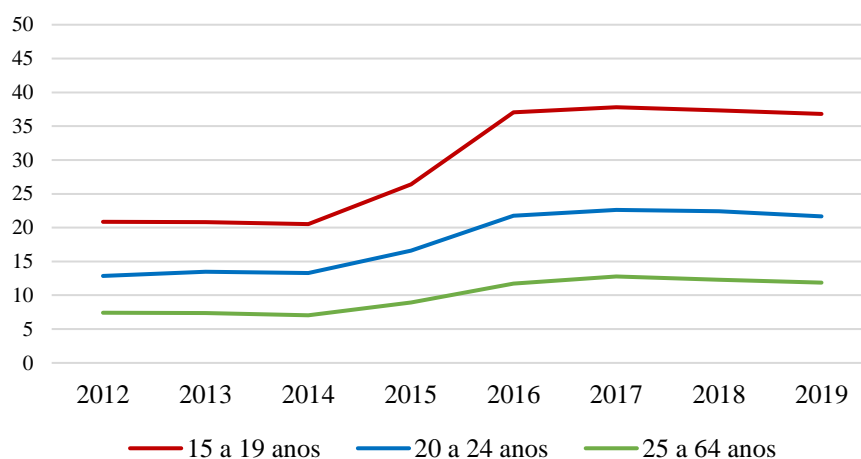


Fonte: Elaboração Própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019

A seguir, o Gráfico 2 apresenta a evolução do indicador relativo ao status na PEA – ocupado ou desocupado – dos jovens por grupos etários. De maneira geral, a trajetória das curvas para os três grupos é semelhante, porém, a variação da taxa de desocupação ocorre em diferentes níveis. É possível observar três momentos distintos no período, entre 2012 e 2014 a taxa é estável, a partir de 2014 ela passa a apresentar comportamento

crescente até 2016, quando se estabiliza em um nível mais alto. O crescimento acentuado entre 2014 e 2016 é relacionado ao efeito conjuntural da crise e da recessão econômica que atingiu o país. No período, a maior taxa de desocupação é registrada para os jovens de 15 a 19 anos e a menor para a população de 25 a 64 anos, enquanto os jovens de 20 a 24 anos ocupam uma posição intermediária. Ademais, o incremento percentual é elevado para os três grupos. Entre 2012 e 2019, ela aumentou 73,6% para os jovens de 15 a 19 anos, 68,4% para os de 20 a 24 anos e 59,8% para a população de 25 a 64 anos.

Gráfico 2: Taxa de desocupação da população (%), por grupo etário, entre 2012-2019.

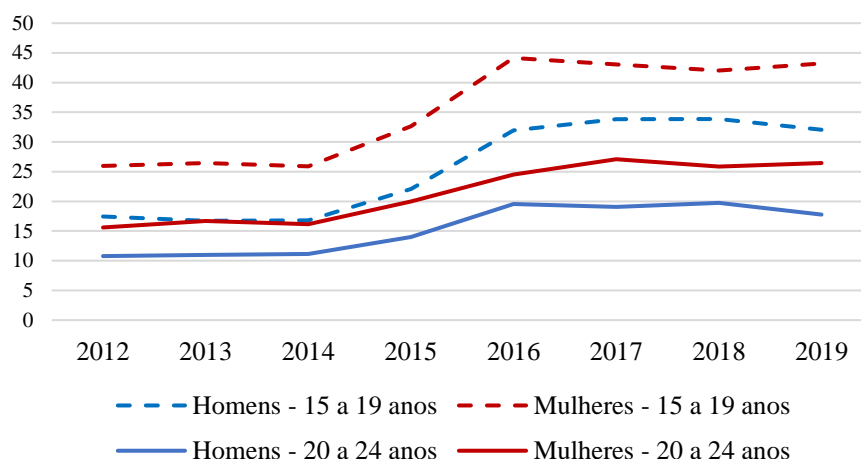


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

Nesse contexto, destaca-se a relação entre os indicadores de participação e de ocupação que, quando analisados em conjunto, sugerem que a estabilidade observada na proporção de jovens entre 15 e 24 anos na PEA teve como contrapartida um aumento significativo na taxa de desocupação. A população de 15 a 19 anos apresenta a menor taxa de participação na força de trabalho, no entanto, registra a maior taxa de desocupação durante todo o período. Além disso, embora os jovens de 20 a 24 anos apresentem uma taxa participação na PEA muito próxima à da população entre 25 e 64 anos, o desemprego entre esse grupo etário é significativamente superior. Em 2019, 21,7% dos jovens entre 20 e 24 anos estavam desocupados, ao passo que para a população entre 25 e 64 anos, a taxa era de 11,9%.

O diferencial entre os sexos também é expressivo na análise da taxa de desocupação na PEA dos jovens. Pela leitura do Gráfico 3, apreende-se que a taxa de desocupação é superior para as mulheres para os dois grupos etários. Para aqueles entre 15 e 19 anos, a proporção de mulheres desocupadas em 2019 era de 43,2%, enquanto para os homens era de 32,07%. Por sua vez, para o grupo etário de 20 a 24 anos, a taxa feminina era 26,43% e a masculina registrada 17,76%. Quando confrontada com a taxa de participação na força de trabalho, observa-se que, por mais que as mulheres possuam uma menor participação na PEA, para aquelas que estão na força de trabalho, a taxa de desocupação registrada é significativamente superior à dos homens.

Gráfico 3: Taxa de desocupação da população (%), por sexo e por grupo etário, entre 2012-2019.



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE

No exercício econométrico, em um primeiro momento, são analisados os resultados do modelo geral, que considera todos jovens (15 a 24 anos) e todas as variáveis relevantes selecionadas a partir da literatura. Posteriormente, esse modelo é desagregado para homens e mulheres. Os resultados do modelo geral estão apresentados na Tabela 3. De maneira geral, verifica-se que as variáveis são significativas ao nível de 10% de significância. A partir da análise das razões de chances do modelo geral, observa-se que a probabilidade de estar ocupado na PEA é significativamente maior para jovens do sexo masculino. Esse resultado dialoga com os dados presentes no Gráfico 3, que evidenciam a maior taxa de desocupação para as jovens do sexo feminino em todo período. Ademais, a literatura também constata que a probabilidade de as mulheres estarem ocupadas é menor do que a dos homens (ROMANELLO, 2018; CORSEUIL, FRANCA, 2015).

Os efeitos da conjuntura econômica no mercado de trabalho são considerados por meio das *dummies* de ano. Observa-se uma menor probabilidade de estar ocupado em relação ao ano de referência, 2012, que se intensifica ao longo do período. Além disso, os resultados respaldam a hipótese de que o mercado de trabalho dos jovens sofreu intensamente com os impactos da crise econômica a partir de 2014, com uma redução significativa no coeficiente da razão chances até 2019. Dessa maneira, o mercado de trabalho dos jovens vivencia de maneira intensa os efeitos das recessões, que se refletem em elevadas taxas de desocupação e na queda da probabilidade de estar trabalhando para os jovens pertencentes à PEA.

Com relação à faixa etária, os resultados dialogam com a literatura ao indicarem que o efeito da idade é positivo na probabilidade de o jovem alocar seu tempo trabalhando (ILO, 2020). Isso pode ser relacionado ao ganho de experiência e de qualificação dos jovens com a idade, como também com o aumento da necessidade de independência econômica. Vale destacar que a faixa etária considerada no modelo geral (15 a 24 anos) é muito heterogênea, pois, nessa fase ocorrem mudanças significativas no ciclo de vida e existem diversas alocações esperadas para esses jovens, como estar trabalhando, estudando, realizando ambos ou até nenhum dos dois. Por sua vez, o efeito da escolaridade na probabilidade de o jovem estar em alguma ocupação é positivo, sendo estatisticamente significativo a 1% para os níveis “EM Completo” e “ES Incompleto ou mais”. Esses resultados, novamente, corroboram com a tendência observada na literatura

de aumento na probabilidade de estar ocupado a medida em que a escolaridade aumenta (ROMANELLO, 2018; CORSEUIL, FRANÇA, 2015). Pode-se dizer, assim, que a maior escolaridade facilita e garante melhores condições de acesso no mercado de trabalho para os jovens de 15 a 24 anos. A variável frequentar a escola, por sua vez, não foi estatisticamente significativa dentro do intervalo de confiança considerado.

Destaca-se também que os jovens da região Nordeste apresentam menores probabilidades de estarem ocupados na PEA, enquanto os da região Sul apresentam as maiores probabilidades comparados aos jovens da região Sudeste. Esse efeito reflete a desigualdade Norte-Sul observada no país, de modo que a maior vulnerabilidade socioeconômica da região Nordeste se reflete em uma maior dificuldade de inserção desses jovens no mercado de trabalho. O coeficiente da razão de chances relativa à condição que o jovem ocupa no domicílio demonstra que jovens chefes de domicílio apresentam, de maneira geral, maior probabilidade de estarem ocupados em relação aos demais. Ademais, jovens residentes em domicílio localizados em áreas urbanas, bem como em regiões metropolitanas, apresentam menor probabilidade de estarem ocupados ao passo que jovens na condição de chefes de domicílio e residentes em domicílios com a presença de idosos pode ser associada a uma menor probabilidade de inserção no mercado de trabalho.

Somando-se a isso, a Tabela 3 apresenta os resultados pela estimação do modelo geral por sexo. Essa desagregação é realizada para que sejam observados como os efeitos das variáveis variam de acordo com o sexo do jovem, uma vez que o modelo geral evidenciou um comportamento dispare nas chances de estar empregado para mulheres e homens, com uma probabilidade maior para os do sexo masculino. Em linhas gerais, o efeito das variáveis é semelhante ao obtido pelo modelo geral, no entanto, são registradas alterações de nível nas razões de chance entre sexos.

As variáveis conjunturais, relativas aos anos 2012-2019, apresentam comportamento semelhante ao registrado pelo modelo geral, com uma queda significativa na probabilidade de estar ocupado a partir de 2015, entretanto, esse efeito foi mais intenso para jovens do sexo feminino. Observa-se, também uma probabilidade mais baixa de inserção no mercado de trabalho dos jovens residentes na região Nordeste e uma probabilidade mais elevada para aqueles que habitam a região Sul. Além disso, para as mulheres, habitar na região Norte também está associado a uma menor chance de estar ocupada em relação às da região Sudeste. Por sua vez, o nível de escolaridade apresenta um efeito maior sobre a probabilidade de estar ocupada para as mulheres. Já frequentar a escola está associada a uma maior chance de ocupação na PEA para as jovens do sexo feminino. Em contraposição, a presença de idosos no domicílio reduz as chances de estar ocupado, cuja intensidade é maior para os homens. Ainda, jovens brancos do sexo feminino tem uma maior chance de estar ocupado com relação aos homens.

Por outro lado, o efeito da variável chefe de domicílio é significativamente maior para os homens, o que resulta em uma probabilidade elevada de estarem em alguma ocupação. Isso pode ser associado aos papéis de gênero observados na estrutura domiciliar, em que o homem ocupa posição de provedor e, assim, apresenta maior probabilidade de estar trabalhando. Por fim, o efeito é mais intenso para os homens do que para as mulheres que residem em área urbana e regiões metropolitanas, com menor probabilidade de estarem ocupados em relação aos que habitam em áreas rurais e em regiões não metropolitanas.

Tabela 3: Resultados do Modelo Logit (razão de chances) para jovens de 15 a 24 anos, por grupo etário e sexo, 2012-2019.

Variáveis	Geral			15 a 19 anos		20 a 24 anos	
	Todos	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Gênero (homem=1)	1,613* (0,021)	-	-	-	-	-	-
2013	0,974 (0,025)	0,948 (0,034)	1,003 (0,036)	0,988 (0,054)	1,042 (0,055)	0,922* (0,045)	0,975 (0,048)
2014	0,98 (0,026)	0,972 (0,036)	0,989 (0,037)	1,002 (0,057)	1,035 (0,055)	0,954 (0,047)	0,955 (0,049)
2015	0,725* (0,019)	0,724* (0,027)	0,727* (0,027)	0,720* (0,039)	0,730* (0,040)	0,730* (0,037)	0,731* (0,036)
2016	0,477* (0,012)	0,499* (0,018)	0,457* (0,016)	0,443* (0,024)	0,438* (0,022)	0,547* (0,026)	0,482* (0,022)
2017	0,459* (0,011)	0,468* (0,016)	0,453* (0,015)	0,455* (0,025)	0,405* (0,020)	0,480* (0,022)	0,500* (0,023)
2018	0,464* (0,011)	0,489* (0,017)	0,444* (0,015)	0,477* (0,026)	0,412* (0,021)	0,502* (0,023)	0,480* (0,022)
2019	0,478* (0,012)	0,468* (0,017)	0,494* (0,018)	0,453* (0,025)	0,444* (0,023)	0,481* (0,023)	0,547* (0,027)
raça (branco=1)	1,193* (0,017)	1,239* (0,025)	1,150* (0,023)	1,277* (0,040)	1,130* (0,034)	1,215* (0,032)	1,178* (0,031)
Norte	1,099* (0,021)	0,969 (0,027)	1,222* (0,033)	1,222* (0,054)	1,362* (0,055)	0,824* (0,029)	1,101* (0,039)
Nordeste	0,852* (0,013)	0,843* (0,019)	0,862* (0,018)	0,978 (0,035)	0,946*** (0,031)	0,763* (0,022)	0,798* (0,023)
Sul	1,573* (0,03)	1,560* (0,041)	1,596* (0,043)	1,541* (0,059)	1,540* (0,060)	1,613* (0,059)	1,687* (0,063)
Centro Oeste	1,353* (0,027)	1,270* (0,036)	1,432* (0,040)	1,315* (0,057)	1,456* (0,060)	1,247* (0,048)	1,429* (0,055)
16 anos	1,074*** (0,045)	1,121*** (0,070)	1,026 (0,057)	1,120*** (0,071)	1,046 (0,059)	-	-
17 anos	1,117* (0,044)	1,054 (0,062)	1,148* (0,061)	1,084 (0,065)	1,201* (0,066)	-	-
18 anos	1,075*** (0,042)	1,052 (0,061)	1,063 (0,056)	1,147** (0,069)	1,162* (0,064)	-	-
19 anos	1,386* (0,054)	1,392* (0,081)	1,335* (0,071)	1,579* (0,098)	1,517* (0,085)	-	-
20 anos	1,616* (0,064)	1,655* (0,098)	1,528* (0,082)	-	-	-	-
21 anos	1,828* (0,074)	1,851* (0,111)	1,751* (0,096)	-	-	1,115* (0,040)	1,144* (0,040)
22 anos	2,136* (0,087)	2,132* (0,128)	2,083* (0,115)	-	-	1,287* (0,046)	1,359* (0,048)
23 anos	2,381* (0,098)	2,437* (0,148)	2,268* (0,127)	-	-	1,469* (0,054)	1,478* (0,053)
24 anos	2,497* (0,104)	2,525* (0,155)	2,404* (0,138)	-	-	1,520* (0,058)	1,572* (0,059)
EF Completo	0,996 (0,019)	1,023 (0,032)	1,029 (0,025)	1,109** (0,047)	1,004 (0,034)	0,905** (0,042)	1,071** (0,037)
EM Completo	1,179* (0,023)	1,380* (0,042)	1,099* (0,028)	1,406* (0,064)	0,942 (0,037)	1,388* (0,058)	1,241* (0,040)
ES Incompleto ou mais	1,656* (0,046)	1,951* (0,077)	1,415* (0,055)	-	-	1,879* (0,095)	1,442* (0,067)
Frequenta escola	1,026 (0,017)	1,174* (0,028)	0,912* (0,021)	1,293* (0,043)	0,902* (0,027)	1,131* (0,037)	0,934** (0,031)
Chefe do domicílio	1,700* (0,041)	1,325* (0,045)	2,139* (0,075)	1,456* (0,104)	2,102* (0,177)	1,291* (0,050)	2,167* (0,085)
Situação do domicílio (urbano=1)	0,565* (0,009)	0,699* (0,016)	0,489* (0,011)	0,635* (0,022)	0,400* (0,013)	0,763* (0,024)	0,608* (0,018)
Região metropolitana	0,732* (0,010)	0,765* (0,015)	0,709* (0,013)	0,742* (0,022)	0,677* (0,019)	0,782* (0,019)	0,736* (0,018)
Presença de idosos	0,881* (0,017)	0,911* (0,027)	0,856* (0,022)	0,968 (0,045)	0,919** (0,036)	0,873* (0,032)	0,810* (0,026)
Constante	3,619* (0,156)	2,514* (0,160)	7,343* (0,420)	2,270* (0,174)	8,961* (0,616)	4,089* (0,252)	8,266* (0,458)

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

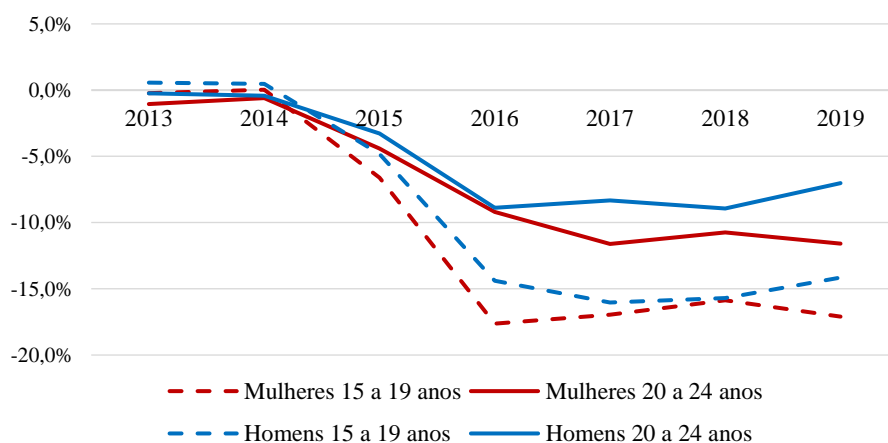
Nota: * significância a 1%; ** significância a 5%; *** significância a 10%.

A análise para os grupos etários (15 a 19 anos e 20 a 24 anos), por sexo, evidencia ainda que a probabilidade de estar ocupado entre 2013 e 2014, em relação à 2012, era bem próxima para os dois grupos etários e sexos. A partir de 2014 é registrada tendência de queda acentuada nas chances de estar empregado, que atingiu de maneira mais intensa as mulheres e os jovens de 15 a 19 anos. O efeito da variável de raça é semelhante ao observado pelo modelo geral desagregado por sexo, em que ser branco possui um efeito maior sobre a probabilidade de estar empregado para jovens do sexo feminino, para os dois grupos etários, em relação aos jovens negros. As *dummies* regionais, por sua vez, reafirmam a maior vulnerabilidade dos jovens residentes na região Nordeste.

Para além disso, os coeficientes das razões de chance relativos ao nível de escolaridade demonstram que o efeito da escolaridade é maior para as meninas para os dois grupos. Dessa maneira, em geral, mais anos de estudos se refletem em uma maior probabilidade de estarem ocupadas. Esse resultado ressalta a importância da educação na ampliação das oportunidades de acesso ao mercado de trabalho para as mulheres, grupo que, pela análise dos indicadores de inserção no mercado de trabalho gerados a partir dos dados da PNADC, mostrou-se mais vulnerável. Com relação às demais variáveis, os resultados para as *dummies* de idade, condição no domicílio, área urbana, frequentar a escola, região metropolitana e presença de idoso no domicílio seguem a mesma tendência observada na análise do modelo geral para jovens de 15 a 24 anos, não sendo constatadas, assim, diferenças significativas entre os grupos etários considerados.

A variação na probabilidade do jovem se encontrar em alguma ocupação é realizada pela análise do efeito marginal dos coeficientes. Os resultados da estimação do efeito marginal para as *dummies* temporais estão ilustrados no Gráfico 4. Para as mulheres de 15 a 19 anos, a queda registrada nas chances de estar ocupada foi de cerca de 18 pontos percentuais (p.p.) durante o período, enquanto, para os homens de 20 a 24 anos, grupo menos impactado, a redução foi de aproximadamente 9p.p. De 2016 em diante é registrada uma estabilização nesses coeficientes, mas em um nível muito inferior ao período entre 2013 e 2014. Novamente, é possível observar o impacto da conjuntura econômica no mercado de trabalho, em especial para aqueles grupos mais vulneráveis, com queda significativa na probabilidade de estar ocupado nos períodos de recessão econômica e que a sucedem.

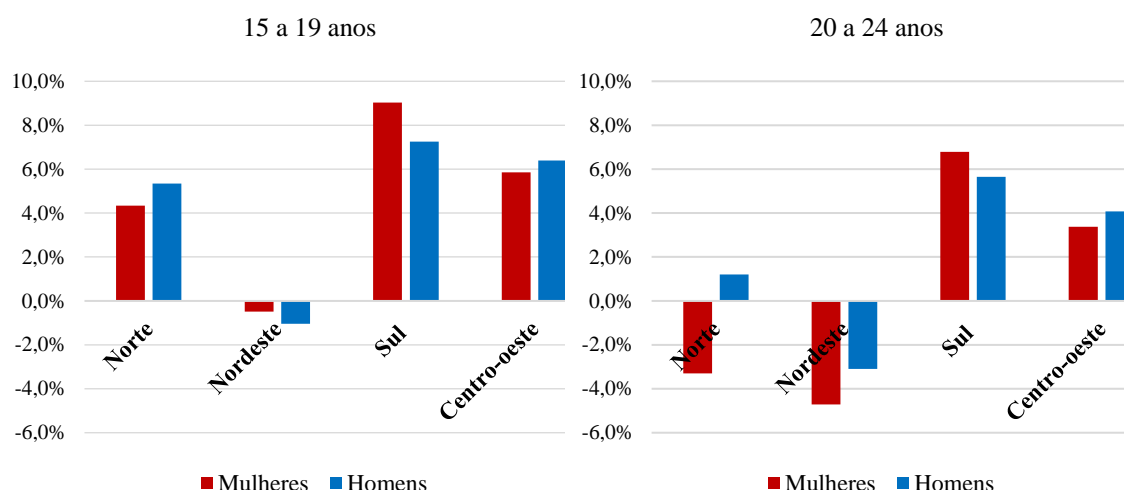
Gráfico 4: Variação percentual na probabilidade de estar ocupado, por sexo e grupo etário, 2012-2019



Fonte: Elaboração própria a partir dos Microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE

Observando o Gráfico 5, nota-se que, para os dois grupos etários, a probabilidade de estar em alguma ocupação em relação aos jovens residentes na região Sudeste é sempre menor para os nordestinos. De maneira geral, o efeito marginal é sempre negativo para os jovens residentes no Nordeste. Ademais, jovens da região sul, de ambos sexos e grupos etários, possuem maior facilidade de inserção no mercado de trabalho.

Gráfico 5: Variação percentual na probabilidade de estar ocupado nas Grandes Regiões, por grupos etários e gênero.



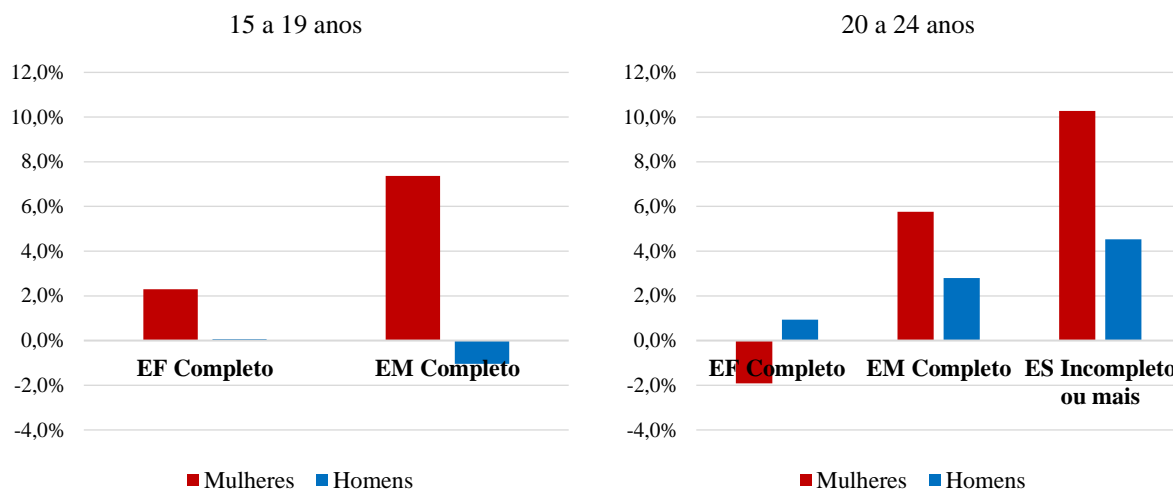
Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

Para mais, pela avaliação do efeito marginal relativo às variáveis de escolaridade (Gráfico 6), constata-se o incremento percentual na probabilidade de estar ocupado por nível de escolaridade em relação aos jovens que não possuem EF completo. Esse efeito é observado tanto para as meninas de 15 a 19 anos quanto para as de 20 a 24 anos. Para o primeiro grupo, observa-se um incremento de 2,3p.p. na probabilidade de estar ocupada para as jovens com EM Incompleto e de 7,4p.p. para aquelas que concluíram o EM. Em relação ao segundo grupo, o efeito da escolaridade é ainda maior para aquelas com “EM completo” ou com “ES Incompleto ou mais”, com elevação 5,8p.p. e 10,3p.p. nas chances de estar ocupada, respectivamente. Para os homens, somente os resultados para o grupo de 20 a 24 anos são estatisticamente significativos a 10%. Assim como para as mulheres, nota-se um aumento na probabilidade de estar em alguma ocupação na PEA para os jovens na medida em que o nível de escolaridade aumenta.

Diante dos resultados encontrados para o modelo geral e por faixa etária, os modelos são estimados também por faixa de escolaridade para cada grupo etário, para os jovens do sexo masculino, com o objetivo de captar como a variação no nível de escolaridade influencia o efeito das variáveis na probabilidade de os jovens se encontrarem ocupados, uma vez que estejam na PEA⁴. A interpretação do efeito marginal dos coeficientes obtidos na estimação evidencia alguns resultados interessantes relativos ao efeito da conjuntura e às desigualdades regionais do país.

⁴ Os resultados dos coeficientes das razões de chances são apresentados na Tabela 1A em anexo

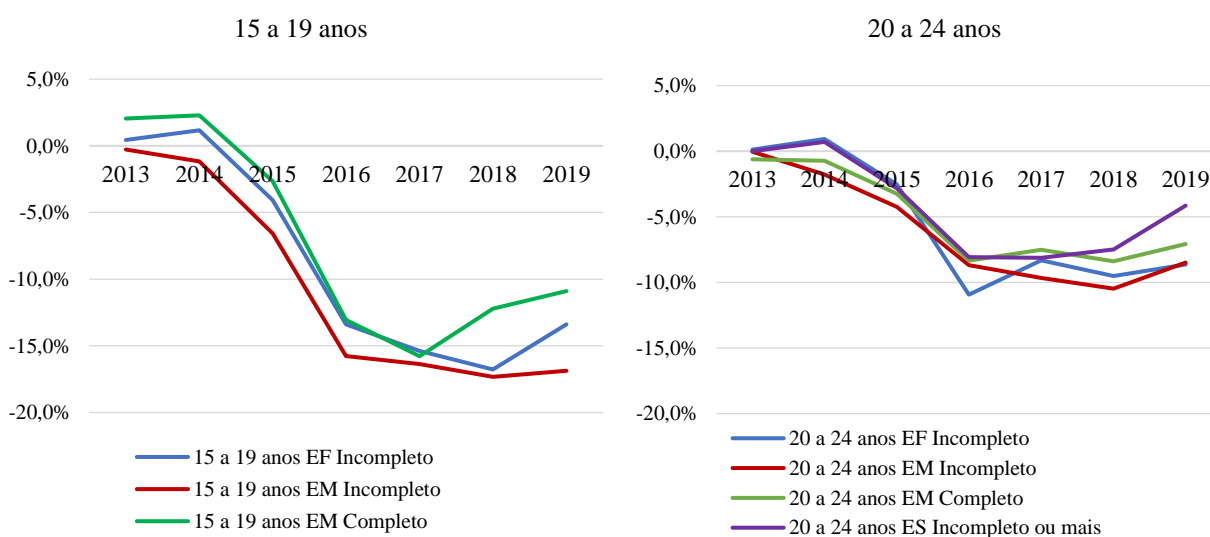
Gráfico 6: Variação percentual na probabilidade de estar ocupado por nível educacional, gênero e grupo etário.



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

A análise do efeito marginal das *dummies* temporais (Gráfico 7), demonstra que, para os dois grupos etários, os jovens com EF Incompleto e com EM Incompleto são os que apresentam maior redução na probabilidade de estar ocupado no decorrer dos anos em relação a 2012. Para os jovens de 15 a 19 anos, após 2016, é registrada uma maior recuperação nas chances de estar ocupado para aqueles com “EM Completo” e, para os jovens de 20 a 24 que possuem “ES Incompleto ou mais”. Diante disso, pode-se afirmar que, embora a crise tenha afetado significativamente a ocupação entre todos os grupos de escolaridade, a atenuação de seus efeitos observada nos anos recentes, a partir de 2016, é mais evidente para aqueles jovens que possuem um nível mais elevado de escolaridade. Portanto, reafirma-se a importância da educação e da qualificação dos jovens para sua inserção no mercado de trabalho, questão que se torna ainda mais relevante quando consideramos períodos de recessão econômica.

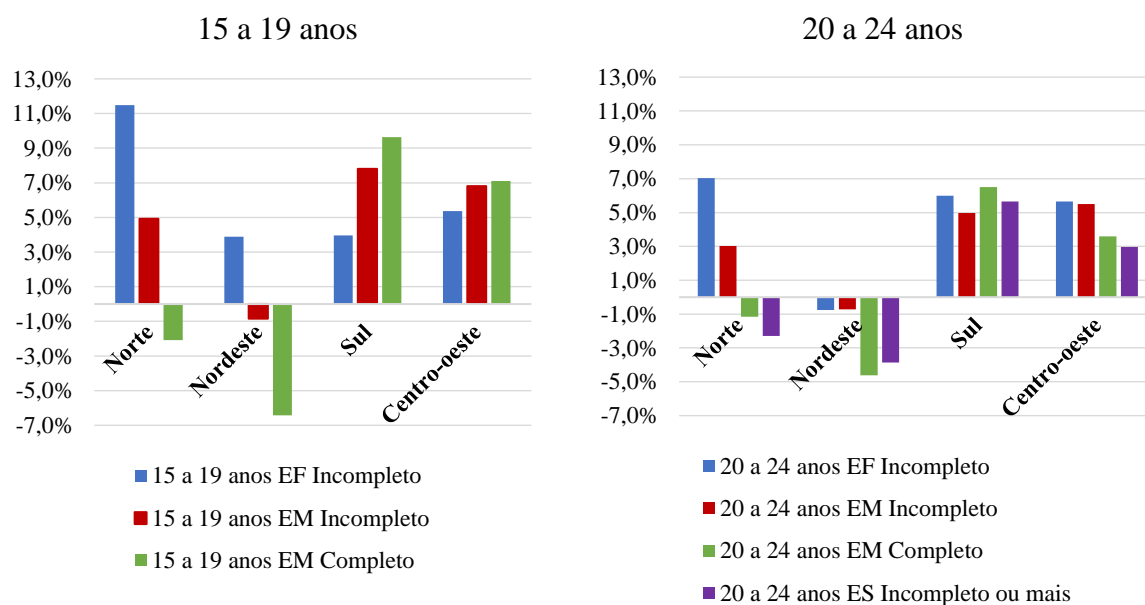
Gráfico 7: Variação na probabilidade de estar ocupado por grupo de escolaridade, 2012-2019



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

Por fim, o efeito marginal dos coeficientes para as Grandes Regiões é apresentado no Gráfico 8. Para os jovens de 20 a 24 anos residentes na região Nordeste, o efeito marginal é sempre negativo em relação aos que habitam no Sudeste, independentemente do nível de escolaridade, sendo mais intenso para jovens com EM Completo. Em contrapartida, jovens das regiões Sul e Centro-oeste apresentam maior probabilidade de estar ocupado para todos os níveis de escolaridade, em comparação com os jovens da região Sudeste.

Gráfico 8: Variação percentual na probabilidade de estar ocupado nas Grandes Regiões, por grupo de escolaridade.



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

Tanto a análise do modelo geral quanto dos modelos por grupo etário e gênero e por nível de escolaridade apontam para a maior vulnerabilidade no mercado de trabalho dos jovens entre 15 e 19 anos, mulheres, negros, residentes na região Nordeste, em áreas urbanas e regiões metropolitanas, em domicílios com idosos e com baixa escolaridade. Além disso, evidencia-se a existência de um forte componente conjuntural no período entre 2012 e 2019, com efeito negativo nas chances de estar ocupado, que se intensifica a partir de 2014. Esse efeito conjuntural, por sua vez, incide de maneira mais intensa entre jovens de 15 a 19 anos, do sexo feminino e com baixa escolaridade. Por fim, uma maior escolaridade é associada, de maneira geral, a maior probabilidade de o jovem encontrar uma ocupação estando na PEA.

Os resultados obtidos ressaltam a importância da escolaridade na inserção dos jovens no mercado de trabalho, especialmente para os jovens mais vulneráveis da população, entre os quais o efeito do nível de escolaridade é mais intenso nas chances de ocupação. Esse resultado dialoga com o observado por Romanello (2018), que constatou que jovens mais escolarizados possuem menor probabilidade de transitar para o desemprego. Portanto, a educação auxilia positivamente o processo de inserção ocupacional dos jovens brasileiros, ao reduzir as chances de desocupação estando na PEA e, com isso, contribuir para a expansão das oportunidades dos jovens via mercado de trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção no mercado de trabalho é uma das etapas mais importantes da transição para a vida adulta, entretanto, as dificuldades enfrentadas pelos jovens nessa fase evidenciam a vulnerabilidade dessa parcela da população nessa fase da vida. O processo de entrada no mercado de trabalho dos jovens é marcado pela elevada taxa de desocupação e pela desigualdade entre os grupos de jovens, cenário que apresenta elevado custo social e econômico para o país. De modo geral, embora tenha sido observada a redução das coortes de jovens e o aumento da escolaridade da população, os indicadores relativos ao mercado de trabalho juvenil indicaram um cenário desfavorável, com crescimento acentuado da taxa de desocupação entre os jovens pertencentes à PEA, que foi mais intenso para as mulheres e para aqueles entre 15 e 19 anos de idade. Em tal caso, o aumento na escolaridade e a redução das coortes mais jovens não tiveram como contrapartida uma melhor inclusão no mercado de trabalho.

Os resultados dos modelos estimados mostram um forte efeito conjuntural no período avaliado, que reverbera negativamente na probabilidade de os jovens encontrarem alguma ocupação ao fazer parte da PEA. Esse efeito se acentua a partir de 2013/2014, diante da recessão econômica e da estagnação da economia que a sucedeu, atingindo com maior intensidade os jovens entre 15 e 19 anos, mulheres e com baixa escolaridade. Os resultados do modelo geral e do modelo por grupos etários apontam para maior dificuldade de inserção dos jovens entre 15 e 19 anos, do sexo feminino, negros, com baixo nível de escolaridade e residentes na região Nordeste, em áreas urbanas, em regiões metropolitanas e em domicílios com idosos. Por fim, o modelo final, estimado para os diferentes níveis de escolaridade, evidencia que o efeito dos atributos considerados é mais forte para as jovens com baixa escolaridade.

Evidencia-se, assim, a maior dificuldade de inserção da população jovem no mercado de trabalho e sua fragilidade diante dos ciclos econômicos. Para além disso, o acesso ao mercado de trabalho reproduz e reforça as desigualdades existentes no país, visto que os obstáculos ao acesso são maiores para aqueles jovens de origem socioeconômica vulnerável. Esse cenário apresenta consequências tanto na esfera individual, ao reduzir as oportunidades dos jovens no futuro e sua perspectiva de mobilidade social via mundo do trabalho, quanto na esfera coletiva, pois uma “geração perdida de jovens” prejudica o desenvolvimento econômico e social do país. No contexto atual, diante da pandemia da Covid-19, a condição do jovem no mercado de trabalho se torna ainda mais alarmante, pois são os mais afetados pelos choques provocados pela pandemia, quadro que tende a ampliar ainda mais essas consequências.

Diante disso, a educação emerge como instrumento capaz de contribuir para a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Por mais que a elevação da escolaridade dos jovens entre 2012 e 2019 não tenha sido acompanhada de melhores condições de inserção, a análise do modelo por nível de escolaridade demonstrou que jovens mais escolarizados possuem maiores chances de estarem ocupados, além de serem afetados com menor intensidade pela conjuntura econômica. Nesse contexto, esse trabalho busca contribuir ao apresentar um panorama de quem são os jovens ocupados e desocupados na PEA brasileira atualmente e mostrar possíveis fatores associados à condição que o jovem se encontra. Por fim, o diagnóstico levantado pode auxiliar no direcionamento de políticas públicas para redução da desocupação entre os jovens, como, também, reforçar a importância de políticas educacionais e de qualificação profissional na garantia de uma inserção decente dos jovens brasileiros no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, José Eustáquio Diniz; VASCONCELOS, Daniel; CARVALHO, Angelita Alves de. **Estrutura etária, bônus demográfico e população economicamente ativa: cenários de longo prazo e suas implicações para o mercado de trabalho.** Texto para Discussão n.10, Cepal/IPEA, Brasília, p.1-38, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão e. **Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte.** In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p.95-136.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e. L. **Introdução.** In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 13-28.

CAMERON, Colin A.; TRIVEDI, Pravin K. *Microeconometrics: methods and applications.* Cambridge University Press, 2005.

CORSEUIL, Carlos Henrique; FRANÇA, Máira A.P. **Inserção dos Jovens no Mercado de Trabalho Brasileiro: Evolução e Desigualdades no Período 2006-2013.** IPEA: Brasília, 2015

DAMODAR, Gujarati N., PORTER, Down C. **Econometria Básica.** AMGH Editora, 5ª edição, 2011.

FONTENAY, Catherine de; LAMPE, Bryn; NUGENT, Jessica; JOMINI, Patrick. *Climbing the Jobs Ladder Slower: Young people in a weak labour market.* Productivity Commission Staff Working Paper. Austrália, jul/2020.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e->>. Acesso em: jul/2020.

ILO. INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *Youth employment crisis: a call for action.* Genebra, 2012

ILO. INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION - ILO. *Global Employment Trends for Youth 2020: Technology and the future of jobs.* Genebra, 2020.

NORUSIS, Marija J.. *SPSS for Windows Advanced Statistics.* SPSS Inc. Chicago, Illinois

QUINTINI, Glenda; MARTIN, John P.; MARTIN, Sébastien. **The Changing Nature of the School-to-Work Transition Process in OECD Countries.** IZA Discussion Paper n.2582, 2007.

PNUD. Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.** 2013. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br>>. Acesso em: nov/ 2019.

REIS, Maurício Cortez. **Uma Análise da Transição dos Jovens Para o Primeiro Emprego no Brasil.** Revista Brasileira de Economia, vol.69, p. 125-143, 2015.

REIS, Maurício Cortez. **Uma Análise das Características do Primeiro Emprego nas Regiões Metropolitanas Brasileiras.** In: CORSEUIL, Carlos Henrique; BOTELHO, Rosana Ulhôa.

Desafios à Trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros. IPEA, Rio de Janeiro, 2014.

ROMANELLO, Michelle. *Youth informality in Brazil: An analysis of school-to-work transitions*. Apuntes. Revista de ciencias sociales, Fondo Editorial, Universidad del Pacífico, vol.45(83), p. 45-173, 2018.

SPARREBOOM, Theo; STANEVA, Anita. *Is education the solution to decent work for youth in developing economies?* Work4Youth Publication Series, n.23, International Labour Organization, Genebra, 2014.

ANEXO:

Tabela 1A: Resultados do modelo Logit por grupo de escolaridade para os grupos etários, 2012-2019.

Variáveis	Razão de chances						
	15 a 19 anos			20 a 24 anos			
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4
2013	1,035 (0,095)	0,980 (0,080)	1,151 (0,125)	1,012 (0,100)	0,996 (0,098)	0,938 (0,075)	1,001 (0,145)
2014	1,095 (0,102)	0,919 (0,075)	1,171 (0,124)	1,102 (0,116)	0,836* (0,085)	0,926 (0,075)	1,086 (0,157)
2015	0,754** (0,068)	0,653* (0,057)	0,845 (0,087)	0,790** (0,081)	0,674* (0,067)	0,733* (0,058)	0,752** (0,104)
2016	0,444* (0,043)	0,403* (0,031)	0,488* (0,048)	0,435* (0,041)	0,486* (0,045)	0,5* (0,037)	0,497* (0,063)
2017	0,402* (0,036)	0,391* (0,030)	0,430* (0,042)	0,513* (0,050)	0,457* (0,042)	0,529* (0,039)	0,495* (0,064)
2018	0,375* (0,037)	0,374* (0,029)	0,508* (0,052)	0,475* (0,046)	0,433* (0,041)	0,498* (0,037)	0,517* (0,064)
2019	0,444* (0,043)	0,382* (0,030)	0,542* (0,054)	0,503* (0,052)	0,493* (0,048)	0,545* (0,042)	0,669* (0,088)
Raça (branco=1)	1,235* (0,075)	1,092* (0,050)	1,073 (0,057)	1,223* (0,074)	1,202* (0,066)	1,124* (0,045)	1,172** (0,080)
Norte	2,132* (0,177)	1,322* (0,079)	0,897 (0,065)	1,857* (0,163)	1,268* (0,096)	0,914*** (0,048)	0,836** (0,075)
Nordeste	1,254* (0,083)	0,956 (0,048)	0,724* (0,042)	0,947 (0,062)	0,949 (0,055)	0,718* (0,030)	0,747* (0,060)
Sul	1,260* (0,106)	1,582* (0,091)	1,807* (0,125)	1,663* (0,159)	1,509* (0,109)	1,908* (0,115)	1,773* (0,154)
Centro-Oeste	1,375* (0,120)	1,484* (0,088)	1,518* (0,115)	1,606* (0,157)	1,590* (0,121)	1,375* (0,087)	1,311* (0,114)
16 anos	0,957 (0,079)	1,129 (0,090)	-	-	-	-	-
17 anos	1,094 (0,090)	1,359* (0,105)	0,990 (0,254)	-	-	-	-
18 anos	0,926 (0,081)	1,269* (0,101)	1,195 (0,296)	-	-	-	-
19 anos	1,06 (0,096)	1,462* (0,120)	1,710** (0,422)	-	-	-	-
20 anos	-	-	-	-	-	-	-
21 anos	-	-	-	1,056 (0,080)	1,171** (0,079)	1,140** (0,060)	1,220*** (0,130)

22 anos	-	-	-	1,244* (0,096)	1,305* (0,093)	1,457* (0,078)	1,309* (0,130)
23 anos	-	-	-	1,445* (0,115)	1,416* (0,102)	1,493* (0,083)	1,540* (0,157)
24 anos	-	-	-	1,352* (0,107)	1,544* (0,116)	1,688* (0,101)	1,606* (0,167)
Frequenta escola	0,757* (0,043)	0,736* (0,039)	1,111*** (0,067)	0,723* (0,065)	0,711* (0,038)	1,184** (0,080)	1,081 (0,072)
Chefe domiciliar	2,236* (0,322)	2,045* (0,309)	1,965* (0,262)	2,162* (0,142)	2,264* (0,168)	2,137* (0,150)	1,995* (0,240)
Situação do domicílio	0,363* (0,020)	0,376* (0,019)	0,582* (0,037)	0,526* (0,029)	0,6* (0,033)	0,700* (0,032)	0,832 (0,094)
RM	0,739* (0,042)	0,643* (0,027)	0,688* (0,035)	0,812* (0,047)	0,740* (0,037)	0,711* (0,027)	0,732* (0,047)
Presença de idosos	1,012 (0,072)	0,881** (0,054)	0,882*** (0,065)	0,807* (0,056)	0,935 (0,066)	0,777* (0,040)	0,771* (0,062)
_cons	10,186* (1,176)	11,432* (1,243)	5,186* (1,356)	8,430* (0,918)	9,393* (0,962)	9,222* (0,758)	7,764* (1,446)

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC, 2012-2019, IBGE.

Notas: * significância a 1%; ** significância a 5%; *** significância a 10%.

¹ Ensino Fundamental Incompleto; ² Ensino Médio Incompleto; ³ Ensino Médio Completo; ⁴ Ensino Superior Incompleto